

COLÉGIO PEDRO II
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA,
EXTENSÃO E CULTURA**
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO DE
HISTÓRIA DA ÁFRICA**

MARCOS GONÇALVES RAMOS

**O OBSERVATÓRIO DO VALONGO E O CAMINHO DAS
ESTRELAS NA PEQUENA ÁFRICA: proposta de roteiro
pedagógico**

Rio de Janeiro

2025

MARCOS GONÇALVES RAMOS

**O OBSERVATÓRIO DO VALONGO E O CAMINHO DAS ESTRELAS NA
PEQUENA ÁFRICA: proposta de roteiro pedagógico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Orientador(a): Prof. Me Marcelo de Carvalho Caldeira

Rio de Janeiro

2025

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

R175 Ramos, Marcos Gonçalves
O Observatório do Valongo e o caminho das estrelas na Pequena África: proposta de roteiro pedagógico / Marcos Gonçalves Ramos. - Rio de Janeiro, 2025.

44 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Marcelo de Carvalho Caldeira.

1. História da África - Estudo e ensino. 2. Observatório do Valongo. 3. Zona Portuária (Rio de Janeiro, RJ) - Pequena África. 4. Educação patrimonial. 5. Unesco. 6. Teoria ator-rede. I. Caldeira, Marcelo de Carvalho. II. Colégio Pedro II. III. Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

MARCOS GONÇALVES RAMOS

**O OBSERVATÓRIO DO VALONGO E O CAMINHO DAS ESTRELAS NA
PEQUENA ÁFRICA: proposta de roteiro pedagógico**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, ofertado pela Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de História da África.

Aprovado em 29 de abril de 2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Me Marcelos de Carvalho Caldeira

Instituto Colégio Pedro II

Orientador

Prof. Dr Cláudio de Paulo Honorato

Instituto Pretos Novos

Prof. Me. Arhur José Batista

Instituto Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2025

In memoria ao nosso colega Sérgio Ricardo dos Santos
Soares historiador, ambientalista, anarquista e guia de
turismo

AGRADECIMENTOS

Aos meus colegas e professores da turma da pós graduação de Ensino de História da África, em especial ao incentivo do orientador professor Marcelos de Carvalho Caldeira para a realização desta pesquisa.

O chefe da polícia pelo telefone manda me avisar,

Que na Carioca tem uma roleta para se jogar

(Pelo telefone, Ernesto dos Santos, o Donga, e o jornalista Mauro de Almeida. Letra do samba foi registrada em 27 de novembro de 1916)

RESUMO

RAMOS, Marcos Gonçalves Ramos. **O OBSERVATÓRIO DO VALONGO E O CAMINHO DAS ESTRELAS NA PEQUENA ÁFRICA:** proposta de roteiro pedagógico. 2025. Trabalho de Conclusão do Curso. (Especialista em Ensino de História.2025) - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025.

Roteiro pedagógico de visita ao Observatório do Valongo e a região da Pequena África situados no entorno do Colégio Pedro II, campus valongo, tem por finalidade agregar o valor do Turismo Científico conjugando Educação em Ciências com Educação Patrimonial em seus aspectos histórico, material e imaterial da região da Pequena África. A criação do roteiro pedagógico, incentiva a capacidade crítica dos alunos sobre os temas da herança cultural africana e o período da escravização tomando por base a relação de “proximidade espacial” onde o Colégio Pedro II não é apenas local de estudo, mas também como local de Memória e Pertencimento. A Teoria Ator Rede (TAR) traz importantes contribuições para o ensino da História e das Ciências Sociais conforme previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) A proposta do roteiro pedagógico pode ser reproduzida em outros estabelecimentos de ensino, pois o patrimônio compreende o reconhecimento da relação pertencimento com os espaços percebidos no entorno da escola que interagem com os espaços de vida e de memória afetiva dos alunos.

Palavras- chave : Observatório do Valongo; Pequena África; Educação Patrimonial, Unesco, Teoria Ator Rede

ABSTRACT

RAMOS, Marcos Gonçalves Ramos. **O OBSERVATÓRIO DO VALONGO E O CAMINHO DAS ESTRELAS NA PEQUENA ÁFRICA:** proposta de roteiro pedagógico. 2025. Trabalho de Conclusão do Curso. (Especialista em Ensino de História.2025) - Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2025

The educational itinerary for visiting the Valongo Observatory and the Little Africa region, located around the Pedro II School, Valongo campus, aims to add value to Scientific Tourism by combining Education on Sciences with Heritage Education in its historical, material and immaterial aspects of the Little Africa region. The creation of the educational itinerary encourages students' critical capacity on the themes of African cultural heritage and the period of slavery, based on the relationship of "spatial proximity" where the Pedro II School is not only a place of study, but also a place of Memory and Belonging. The Actor-Network Theory (ANT) brings important contributions to the teaching of History and Social Sciences as provided for by the National Common Curricular Base (BNCC). The proposed educational itinerary can be reproduced in other educational establishments, since heritage includes the recognition of the relationship of belonging with the spaces perceived in the school's surroundings that interact with the spaces of life and affective memory of the students.

Keyword Valongo Observatory; Pequena África; Heritage Education, UNESCO, Actor Network Theory

LISTA DE FIGURAS (ILUSTRAÇÕES)

Figura 1 - Aquarela de Thomas Ender (1818) mostra a Pedra do Sal ainda em processo de corte e a praia do Valonguinho-Valongo sem o cais.....	21
Figura 2 - Coordenadoria Geográfica do Cais do Valongo LAT 22°53'49.03"S LON 43°11'14.62	22
Figura 3 – Cais do Valongo – Rio de Janeiro(RJ)	23
Figura 4 - Praça Municipal, atual Praça Jornal do Comércio, em 1906	24
Figura 5 - Cais do Valongo 1820.....	24
Figura 6 - Rancho criado por Tia Ciata	27
Figura 7 - Estrelas do Programa Casé Noel Rosa e Pixinguinha	28
Figura 8 – Vista aérea do Morro da Conceição entre 1916-1923	36

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CCPAR Companhia Carioca de Parcerias e Investimentos

CCMN - Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza

FAPERJ – Fundação Carlos Chagas de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

INEPAC - Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC)

IPN Instituto Pretos Novos

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IRPH -Instituto Rio Patrimônio da Humanidade .

MUHCAB Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira

ORTC -Organização dos Remanescentes da Tia Ciata

PPGAU- Programa de Pós graduação em Arquitetura e Urbanismo

TC - Turismo Científico

TAR - TEORIA ATOR REDE

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, a Ciência e a Cultura

PPGAU-UFF

VOT - Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência -

UFRJ - Universidade federal do Rio de janeiro

UFF – Universidade Federal Fluminense

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 OBJETIVOS E JUSTICIATIVA.....	14
1.2 METODOLOGIA.....	15
2 A TEORIA ATOR REDE (TAR).....	17
3 O CONTEXTO SÓCIO- ESPACIAL DA REGIÃO DO VALONGO	19
3.1 O LOCAL DO PATRIMÔNIO MUNDIAL	19
3.2 O TERREIRO DE IDEIAS E O ESPAÇO CONCEPTUALIZADO DOMINADO	25
3.3 O ESPAÇO DE REPRESENTAÇÃO : O COMERCIO DE RUA, E OS DONOS DA RUA.....	28
3.4 A CURA DE HILÁRIA BATISTA E A ENCRUZILHADA DOS SABERES	29
3.5 O ROTEIRO E A FERRAMENTA.....	31
3.5.1 O OBSERVATÓRIO DO VALONGO (OV) E O ESPAÇO CONCEPTUALIZADO DA CÊNCIA	33
4 Evolução dos espaços urbanos na região do Valongo	34
4.1 O PATRIMÔNIO TURISTIFICADO E A VOZ DO MERCADO	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

1 INTRODUÇÃO

Sou um guia de turismo que acredita no uso da abordagem da História como um instrumento para a compreensão do fatos em que vivemos no presente. Alguns colegas de profissão logo me perguntam senão estou enganado, pois para a maioria das pessoas a História é apenas o estudo do passado. Não digo que estão errados, mas apenas os convido a refletir sob um outro ponto de vista. E, se ao invés de acumulação de fatos isolados “engaiolados” em eventos em um tempo distante, o conhecimento em História pode nos levar a compreender a variedade dos espaços e temporalidades em que vivemos. Quando me dizem : Você é um sonhador! Eu aceito e complemento: Ir à lua era um sonho, tornou se um fato com a Apollo11.

O presente estudo não é sobre a chegada dos astronautas que viram a Terra da perspectiva da Lua em julho de 1969 ¹, porém é um estudo que explora a possibilidade de entender a história como processo de ação e de transformação dos espaços de vida onde agentes humanos e não humanos constroem espaços de memória e de história em sincronia com políticas de esquecimento. Neste estudo de caso de caráter exploratório, as relações de sincronia entre espaços de memória e ações conjunturais de apagamento é objeto de análise a partir de um experimento educacional que parte do espaço fechado da sala de aula do Colégio Pedro II, situado no campus Valongo, e parte para explorar a relação de proximidade com o patrimônio cultural e os atrativos de interesse turístico no entorno do Colégio Pedro II.

Nosso ponto de partida, se inicia na rua da ladeira Conceição, via de caminho do **Observatório do Valongo (OV)** onde encontramos alunos e professores do curso de Astronomia que organizam a visita pedagógica aos instrumentos e acervo do Observatório. O conjunto arquitetônico do observatório compreende 96 M² entre horto, biblioteca, centro de estudo, salas de aula, cúpulas de telescópios. É uma unidade acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) desde 1967,e, no momento deste estudo, está vinculada ao Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza (CCMN) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) com os cursos de graduação e pós-graduação em Astronomia.

A Pró-Reitoria de Gestão e Governança (PR6), uma das sete áreas gerais da UFRJ (Resolução CONSUNI nº 01/2018), responsável pela operação dos processos administrativos relativos a licitações, contratos, materiais e serviços, gestão patrimonial e normatização reproduz a carta de tombamento² dos Jardins do Valongo de 1937 (Livro do Tombo Histórico

¹<https://brasilecola.uol.com.br/historiag/apollo-11.htm>

² O tombamento foi instituído pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, o primeiro instrumento legal de proteção do Patrimônio Cultural Brasileiro e o primeiro das Américas, e cujos preceitos fundamentais se

– Volume I e no Livro do Tombo das Belas Artes – Volume I na condição de Conjunto Arquitetônico e Urbanístico). Entre 1924 a 1926 começa o processo da transferência do observatório , então, situado no Morro de Santo Antônio para a Chácara do Valongo. O observatório, conforme o documento de tombamento faz parte do conjunto estrutural paisagístico dos Jardins do Valongo, também conhecido como Jardins Suspensos do Valongo construído por ato administrativo do projeto de **reforma urbana na época do prefeito Pereira Passos (1902- 1906)**.

O observatório no alto do **Morro da Conceição**, localizado acima da escadaria ao longo dos **Jardins suspensos do Valongo** , encontramos **a casa da Tia Ciata** e, do outro lado da rua, o **Cais do Valongo**. Este último ganhou fórum de **Patrimônio da Humanidade em 2017** na região da chamada “**Pequena África**”. Em 20 de novembro de 2013, Dia da Consciência Negra, o Cais do Valongo foi alçado a Patrimônio Cultural da cidade do Rio de Janeiro, por meio do **Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH)**.

Instituições e gestores públicos demonstram a correlação entre o papel do poder do Estado como agente provocador das reformas urbanas que estabelecem “ bens materiais memoráveis “ do Brasil Republicano, cujos os bens memoráveis são objeto de inscrição em livros de tombamento que referenciam o **Patrimônio Nacional** que se distancia do passado colonial de base lusitana. Os três decênios do início do século XX são marcados pela celebração do estilo Belle Epoque no imaginário urbano da capital que se espelha como Paris Tropical (Needell, 1993).

Urbanismo e imaginário social se encontram nas diversas ações das reformas que soterraram “lugares de memória” do final do Império como o **Cais da Imperatriz³(*)**, porém transfere as estátuas que adornavam o cais para serem preservadas no décor dos Jardins do Valongo, em conjunto com a construção da Casa da Guarda e do Mictório Público, como parte do plano de remodelação e embelezamento da cidade pelo Prefeito Pereira Passos, segundo o projeto do arquiteto-paisagista Luis Rey.

O site oficial da Companhia Carioca de Parcerias e Investimentos CCPAR descreve o jardim como local situado na antiga Rua do Valongo, que ligava o Cais do Valongo ao Largo do Depósito, abrigava lojas que vendiam escravos e artigos relacionados à prática da

mantêm atuais e em uso até os nossos dias. (IPHAN.gov.br)

³ O grande aterro realizado de 1904 a 1910 para a construção do novo porto da cidade encobriu o Cais da Imperatriz, afastando a borda d’água 344 metros em relação ao local do sítio. Conforme denominação dos atuais logradouros, o sítio corresponde à área da Praça Jornal do Comércio e está delimitado pela Avenida Barão de Tefé, Rua Sacadura Cabral e pelo limite lateral do Hospital dos Servidores do Estado, no número 178 da Rua Sacadura Cabral.

escravidão. No eixo formado por este caminho, os escravos recém-chegados eram acomodados em barracões conhecidos como casas de engorda, onde literalmente ganhavam peso, de modo a valorizar seu preço no mercado. Nesta área também havia mercados onde os africanos escravizados eram expostos aos potenciais compradores (...) escavação arqueológica encontrou vasto acervo que remete à *“tralha doméstica”* da época, revelando aspectos da vida cotidiana, costumes e mentalidade dos habitantes do Morro da Conceição. (<https://www.ccpa.rio/>) grifo nosso. O observatório se situa no alto da ladeira do Morro da Conceição, portanto está espacialmente na zona de ocupação das práticas espaciais do comércio escravagista, mas sua transferência definitiva para este local está fora da temporalidade do período da escravização.

A **casa da Tia Ciata**, como iremos discutir mais adiante, indica uma categoria que escapa ao modelo normativo do chamado patrimônio nacional, conforme o site: A Casa da Tia Ciata é a sede da Organização dos Remanescentes da Tia Ciata (ORTC) e espaço cultural para manter viva a memória da Matriarca do samba. A tia Ciata, Hilária Batista de Almeida morou inicialmente na Pedra do Sal, Beco João Inácio, Rua da Alfândega, 304 e posteriormente na Rua General Pedra, Rua dos Cajueiros e mais tarde na Rua Visconde de Itaúna, residindo na Cidade Nova entre os anos de 1899 e 1924, foi uma das responsáveis pela sedimentação do samba-carioca e tornou-se uma espécie de primeira dama das comunidades negras da Pequena África. O casarão era uma legítima casa de cômodos, com seus 6 quartos, 2 salas, um longo corredor e quintal com árvores (um abacateiro, ao menos). Parte da família seguiu, porém, morando na Rua da Alfândega (<https://www.tiaciata.org.br/>); O site não faz referência ao fato da casa da tia Ciata ocupar o local do antigo mictório público. Em sua casa na Praça Onze, onde os sambistas se reuniam, foi criado o primeiro samba gravado em disco em 1917. “Pelo Telefone”, de Donga e Mauro de Almeida (Quem foi Tia Ciata, uma das figuras mais influentes para o surgimento do samba no Brasil? Livia Nolla <https://novabrasilfm.com.br/>)

A escadaria em estilo “rocaille” da amurada do jardim Valongo e as estátuas neoclássicas constam na lista de bens tombados da Zona Central da cidade do Rio de Janeiro que reúne itens do patrimônio cultural e histórico. Os atos de promoção e proteção desses patrimônios a nível municipal são de responsabilidade do Instituto Rio Patrimônio da Humanidade (IRPH), antiga Subsecretaria do Patrimônio Cultural, Intervenção Urbana, Arquitetura e Design (SUBPC). Os tombamentos estaduais foram realizados pelo **Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (INEPAC)**. A lista completa de bens patrimoniais em nível nacional segmentados em patrimônio material, imaterial, cultural, natural, arqueológico e mundial encontra-se disponível no site institucional do Iphan (<http://portal.iphan.gov.br>)

1.1 Objetivo e justificativa

O presente estudo de caso, contudo, não se destina a realizar um inventário do conjunto patrimonial ou sumário da oferta de serviços e atrativos turísticos da região da Pequena África, e tampouco aborda questões de conservação e preservação do patrimônio material tombado pelo IPHAN. Neste estudo, pretendemos demonstrar como uma aula prática "fora do lugar" da sala de aula pode se tornar um instrumento de interpretação dos espaços de Memória e de História (NORA,1993) que cercam o Colégio Pedro II na região do Cais do Valongo. Nosso desafio é demonstrar como um instrumento pedagógico baseado na perspectiva do Turismo Científico (TC) conjugado à Teoria Ator- Rede (TAR) pode ser elaborado em um linguagem acessível entre alunos e professores.

A visita pedagógica não se restringe a um “passeio externo”, pois deve estar vinculada a um plano de aula específico e/ ou ao programa da disciplina de história da instituição de ensino. A prática continuada de visitas externas na região do Valongo permite apresentar aos alunos os princípios da pesquisa- ação e da reflexão crítica de base dialética a partir da vivência da aula prática. A metodologia de ensino baseada na TAR põem em evidencia os conceitos de “ próximo”, “distante”, “ local”, “regional”, “nacional” e o famoso “ global” em torno da questão patrimonial e dos valores da herança da diáspora africana na formação da cultura brasileira.

Objetivo geral do estudo é construir uma ferramenta pedagógica interativa conjugada com os recursos das medias digitais usadas de modo consciente entre os participantes. O roteiro de visita tem por finalidade específica agregar o valor do Turismo Científico ampliado para a proposta de um roteiro pedagógico voltado para a **educação patrimonial** em seus aspectos histórico, material e imaterial da região da Pequena África.

A criação do roteiro pedagógico, incentiva a capacidade crítica dos alunos sobre os temas da herança cultural africana e o período da escravização tomando por base a relação de “proximidade espacial” a partir do local de estudo, entendido também como local de Memória e Pertencimento.

No auge da era de computadores e celulares conectados em rede, a integração do circuito da visita guiada ao Observatório do Valongo (OV) e a região da Pequena Africa, oferece a oportunidade metodológica de unir aspectos etnográficos e históricos. E, bem como, as assimetrias das ações espaciais que condicionaram a ocupação da a região por atores em relação de mediação e disputa de limites de territórios de identidades na região estão descritas

em diversas fontes documentais entre livros, artigos, blogs, vídeos, aulas entre outras disponíveis na internet.

1.2 Metodologia:

A partir do dossiê do sítio arqueológico do Cais do Valongo para inscrição na lista da Unesco de Patrimônio Mundial (IPHAN, 2016); realizamos uma sinopse do espaço geográfico da região do Valongo junto as demais fontes secundárias, a saber: O site institucional do Observatório do Valongo e a publicação da série memorabilia n° 7 referente aos cinquenta anos da criação do curso de Astronomia, 2008, e trabalhos de alunos da Disciplina Morfologia Urbana ministrada em 2015 pela Professora Dra. Thereza Cristina Couto Carvalho (PPGAU-UFF), intitulado "Cadê o Morro da Conceição".

Os autores fontes de inspiração para a discussão sobre História, Memória e Patrimônio são historiadores como Nora(1993), Lefebvre, H. (1973) em especial o texto entre Memória e história, e a tese de mestrado “A utopia da pequena África” (Guimarães, 2011). Estes trabalhos trazem contribuições para o debate contemporâneo como o turismo e as “políticas de revitalização dos espaços culturais” que tem menos compromisso com história dos fatos, do que com a memória reificada pelas estratégias de marketing de lugares. O conceito de patrimônio como herança de patriarca, entra em crise com os *patrimônios da efemeridade* que surgem da memória de lugar nenhum das redes digitais. Em tempos de aceleração das imagens que potencializam imaginários sociais recriados em conteúdos distribuídos pelas redes de computadores, destacamos em negrito pontos de interesse de pesquisa para alunos e professores participantes do roteiros. Os termos em negrito servem como links de busca na Internet para dar acesso a sites, vídeos, entrevistas que complementam a visita e auxiliam aos alunos a empreender na tarefa de pesquisa para complementar a experiência da aula prática.

A contribuição do Turismo Científico (TC) permite repensar o impacto do turismo convencional em áreas de grande relevância social e ambiental; Millar e Osborne(1998) defendem a tese de que as investigações acadêmicas servem de inspiração para a criação de uma nova oferta turística de caráter cultural e formativa. Como exemplo, pode-se citar o Projeto Centro de Turismo Científico da Patagônia, que visa o desenvolvimento de capacidades locais, baseando-se no processo de fortalecimento tecnológico e de capacidades empresariais necessárias à operação de produtos para o TC, incluindo universidades e suas redes. (Bourlon; Mao; Osorio, 2011).

A proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é a matriz conceitual deste estudo, escolhemos 3 (três) competências específicas da área das Ciências Humanas para o ensino fundamental, descritas na página 357 na versão digitalizada da BNCC a saber:

- Comparar eventos ocorridos simultaneamente no mesmo espaço e em espaços variados, e eventos ocorridos em tempos diferentes no mesmo espaço e em espaços variados.
- Construir argumentos, com base nos conhecimentos das Ciências Humanas, para negociar e defender ideias e opiniões que respeitem e promovam os direitos humanos e a consciência socioambiental, exercitando a responsabilidade e o protagonismo voltados para o bem comum e a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva.
- Utilizar as linguagens cartográfica, gráfica e iconográfica e diferentes gêneros textuais e tecnologias digitais de informação e comunicação no desenvolvimento do raciocínio espaço-temporal relacionado a localização, distância, direção, duração, simultaneidade, sucessão, ritmo e conexão.

A proposta da ferramenta pedagógica implica na elaboração prévia de um mapeamento de fontes documentais primárias, secundárias e institucionais disponíveis em formato impresso e /ou digital. Para fins de concisão do atual estudo nos limitamos indicar sites na introdução deste texto que contem imagens e descritivos dos locais citados no itinerário do roteiro de visita. Neste formato de apresentação em meio impresso, selecionamos imagens representativas para a discussão do conceito de *patrimônio desviante* como fator de resistência das memórias de grupos subalternos, periféricos na relação de ocupação espaços de conflito no entorno dos patrimônios tombados, considerados como instrumentos de resgate e preservação da Memória Nacional.

2 A TEORIA ATOR REDE (TAR)

A seleção de autores que compõem o núcleo da pesquisa documental sobre a questão patrimonial da região do Valongo é baseada na edição “ O dossiê do cais de Valongo para candidatura como patrimônio mundial da Humanidade “(IPHAN 2016) é o documento fonte converge com as propostas 5,6 e 7 da BNCC. Cada dos itens é discutido no desenvolvimento do artigo que iniciamos a partir da descrição do contexto da região do Valongo e a expansão da cidade.

Martins (2021) esclarece a lógica da Teoria Ator Rede -TAR entre duas linhas de investigação : Análise de Redes Sociais (ARS) e a Teoria da Sociedade em Rede (TSR) ambas as linhas de investigação alocam as redes no centro da análise. sendo que a linha TSR, foca no papel das tecnologias de informação e comunicação (TIC). A teoria ator-rede oferece um olhar alternativo porque parte do pressuposto de que não é possível separar o social do natural. Na TAR não há diferenças essenciais que justifiquem a dicotomização da vida entre natureza e sociedade. O social é tido com um fenômeno instável e efêmero formado a partir de relações entre atores que não são sociais em si. Humanos, demais animais, plantas, fungos, bactérias e objetos inanimados formam a quase totalidade dos entes presentes neste planeta e são as relações estabelecidas entre eles que descrevem o social e os atores que o compõe. Nessa perspectiva, os esforços de análise do social se organizam em redes que, contudo, não são as mesmas redes investigadas por cientistas sociais; (DIAS et al, 2011, p. 112)

A consciência de estar em/ser um grupo, que porta uma identidade coletiva, é marcada por referências espaciais/temporais: uma personagem, a natureza, um acontecimento, uma situação, tornam-se marcos coletivos que fundam um lugar social; partilhado e apropriado pela memória comum, o lugar se torna território. Assim, o território carrega uma dupla dimensão: os atributos espaciais – contiguidade e dispersão; e os atributos simbólicos – memória e identidade coletiva.

(i) ‘**Prática espacial** que abrange tanto a produção como a reprodução, como também os locais particulares e conjuntos espaciais característicos de cada formação social’. A prática espacial de uma sociedade secreta o espaço da sociedade; o propõe e pressupõe, numa interação dialética; [...] Do ponto de vista analítico, a prática espacial de uma sociedade é revelada pela decifração de seu espaço. [...] [Sob o neocapitalismo, a prática espacial incorpora uma associação íntima, dentro do espaço percebido, entre realidade diária [...] e realidade urbana

(ii) ‘**espaços conceptualizados**, o espaço de cientistas, planejadores, tecnocratas e engenheiros sociais [...] – todos identificam o que é vivido e percebido com o que é concebido. [...] Este é o espaço dominante em qualquer sociedade (ou modo de produção). Concepções do espaço tendem para um sistema de sinais verbais (e então intelectualmente trabalhados) que impõem o conhecimento, sinais, códigos, e relações frontais’.

(iii) **‘Espaços de representação**, incorporando simbolismos complexos, às vezes codificados, às vezes não, relacionados ao lado clandestino ou subterrâneo da vida social, como também à arte [...]’ ‘Espaço como diretamente vivido através de suas imagens associadas e símbolos, e consequentemente o espaço de ‘habitantes’ e ‘usuários’, mas também de alguns artistas e talvez daqueles [...], que descrevem e não aspiram fazer mais do que descrever. **Este é o espaço dominado [...] que a imaginação busca mudar e apropriar. Ele se sobrepõe ao espaço físico, na medida em que faz uso simbólico de seu objeto. Assim, pode ser dito que espaços de representação [...] tendem para sistemas de símbolos não verbais e sinais mais ou menos coerentes.**’ (LEFEBVRE, 1991, p.33-39, grifo nosso).

A teoria Ator rede, problematiza as ações de patrimonialização e turistificação em novas bases conceituais partindo da dialética entre apropriação e conflito nas relações entre espaço, identidade e pertencimento ao admitir a questão das práticas espaciais em suas dimensões de interdisciplinaridade, simultaneidade e multiespacialidade da herança da presença africana que passamos a analisar.

3 O CONTEXTO SÓCIO- ESPACIAL DA REGIÃO DO VALONGO

O imaginário retratado por Heitor dos Prazeres⁴, o jornalista João do Rio nas cônicas que reuniu em seu livro de 1904 “As religiões do Rio “ e a obra de Roberto Moura , “Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro” (FUNARTE, 1983) * demarcam os personagens que compõem o imaginário social da Pequena África recortada por territórios identitários . De início, estes trabalhos reúnem como o inventário das produções de pessoas que deixaram um legado que vem sendo recuperado e recomposto em uma embalagem comercial para encantar um "público geral". Na condição de guia de turismo, nas diversas incursões na região seguindo o roteiro oficial da Riotur⁵ () , me chamou atenção o fato de que não havia referência ao Observatório do Valongo (OV) situado no Morro da Conceição, e, nem ao menos sugeria a visita ao local . Ao participar do programa de visita guiada “encontro com o Astrônomo” ao lado de alunos e professores do observatório pensei na seguinte questão de investigação : Seria possível agregar o valor das investigações acadêmicas desenvolvidas pela equipe do Observatório ao roteiro da Pequena África ?

3.1 O local do Patrimônio Mundial

O Cais do Valongo é um símbolo material da memória da escravidão africana e das heranças culturais delas decorrentes. Reconhecê-lo como patrimônio da humanidade é conferir esse direito à população afrodescendente do Brasil e, por extensão, de todas as Américas, dentro do entendimento das políticas de reparação por séculos de escravidão e segregação racial. Nesse ambiente geograficamente protegido funcionou, entre 1774 e 1831, o mercado de escravos do Rio de Janeiro, que incluía os depósitos e armazéns de escravos, o **Cemitério dos Pretos Novos**, que recebia os corpos daqueles que não resistiam às duras condições da **travessia atlântica**, e o **Lazareto da Gamboa**, destinado à quarentena dos escravos doentes recém-chegados. Foi o maior complexo de comércio escravagista das Américas.

O **Valongo** era o nome de uma antiga enseada, aterrada posteriormente com a urbanização da região, no século XIX, e que passou a denominar toda a extensão da área no entorno, onde hoje está localizado o bairro da Saúde. Na época do Brasil colonial, a enseada

⁴ A Praça Onze era uma África em miniatura.” Não bastassem os sambas, quadros e outras criações menos conhecidas (como móveis e figurinos), Heitor dos Prazeres deu nome a uma região do Rio de Janeiro. A “Pequena África”, como arrematou o escritor Roberto Moura, responsável por eternizar a denominação, no referencial “Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro” (Funarte, 1983). Vizinha ao Centro, formada pelos bairros da Saúde, Santo Cristo e Gamboa, a área é apresentada no livro como um “reino que se estendia da zona do cais do porto até a Cidade Nova, tendo como capital a Praça Onze”.

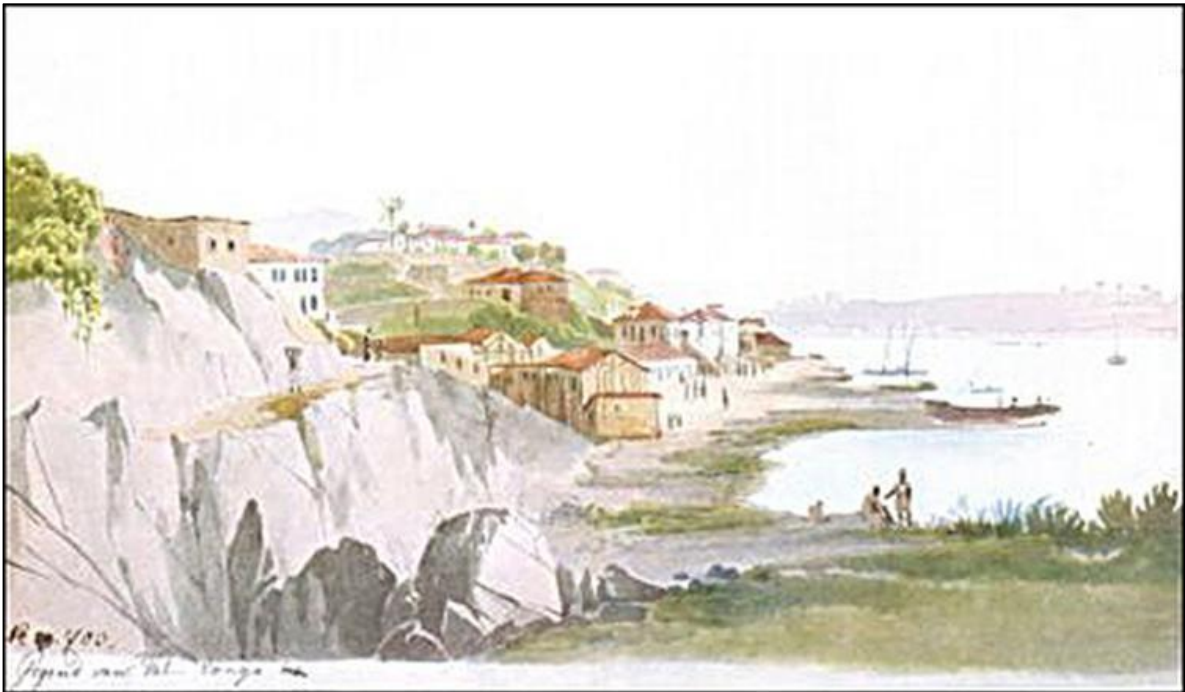
⁵ver : https://riotur.rio/que_fazer/pequena-africa/

era formada por duas praias: Valongo e Valonguinho. **A praia do Valongo** estendia-se entre o sopé do morro do Livramento e o morro da Saúde, enquanto a praia do Valonguinho correspondia a um pequeno trecho de areia no sopé do morro da Conceição. Trata-se da região onde está localizada a Pedra do Sal, reduto da formação do samba carioca perto do Largo da Prainha, tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural. A Rua da Alfândega concentrava inicialmente os armazéns voltados para o comércio de escravos, pela proximidade com esse primeiro cais. Lá, os escravos desembarcavam *seminus*, tomavam banho nas praias e eram levados aos pontos de venda. No entanto, esse comércio – mas não o desembarque – foi transferido depois para a região do Valongo devido à iniciativa da Câmara de Vereadores, dos comerciantes não envolvidos com o comércio negreiro, de médicos e profissionais de engenharia e arquitetura, a partir de 1758. (CAVALCANTI, p. 15-77, 2005).

Honorato, 2008, observa os deslocamentos da área do *mercado de escravos* existente na rua Direita, atual rua Primeiro de Março, então a principal via da cidade que corria paralela ao porto, e ali ficavam o Palácio do Governador, depois do vice rei, a Alfândega, a Catedral, a Mesa do Bem Comum (depois Junta do Comércio), várias repartições públicas e mais armazéns e moradias. Os conflitos entre os diversos agentes do comércio de escravos na cidade tiveram relação direta com a decisão do Senado da Câmara de transferir o comércio de escravos novos para a periferia da cidade. A perpetuação do comércio de escravos na rua Direita era favorável aos compradores residentes na cidade, em detrimento aos senhores de engenho e lavradores de cana do recôncavo que vinham de longe. A nova área para localização do comércio dos africanos recém chegados, chamados “pretos novos”, sob a alegação de medidas sanitárias e o “receio de contágio”, em 1718, a Câmara requereu ao rei o privilégio de proceder a uma “visita da saúde” em todos os navios vindos de Angola, Costa Mina e São Tomé que entravam no porto do Rio. A definição de um local definitivo ocorreu em 1758, sendo escolhido a região do Valongo por ter acesso por mar e por terra através do Caminho do Valongo (atual rua Camerino) que ia da praia ao centro da cidade. O mercado de escravos no Valongo é decorrente dos comerciantes que venceram a disputa que pretendia eliminar o comércio de escravos no interior da cidade. (Honorato, 2008, p.67-50). A aquarela ,a seguir, de Tomas Ender não identifica um cais de escravos estabelecido em 1818, é provável que a área do “mercado de escravos” se estendia em toda a área portuária até a ponta do caju. Diversos autores apontam que complexo escravagista á época do marquez de lavradio, em 1758, compreende um volume aproximado de quatro milhões de africanos , durante os mais de três séculos de duração do regime escravagista.

Pelo Cais do Valongo, na região portuária da cidade, passou cerca de um milhão de africanos escravizados em cerca de 40 anos, o que o tornou o maior porto receptor de escravos do mundo. A inclusão nessa Lista representa o reconhecimento do seu valor universal excepcional, como memória da violência contra a Humanidade representada pela escravidão, e de resistência, liberdade e herança, fortalecendo as responsabilidades históricas, não só do Estado brasileiro, como de todos os países membros da Unesco. É, ainda, o reconhecimento da inestimável contribuição dos africanos e seus descendentes à formação e desenvolvimento cultural, econômico e social do Brasil e do continente americano. (IPHAN,2016).

Figura 1 - Aquarela de Thomas Ender (1818) mostra a Pedra do Sal ainda em processo de corte e a praia do Valonguinho-Valongo sem o cais



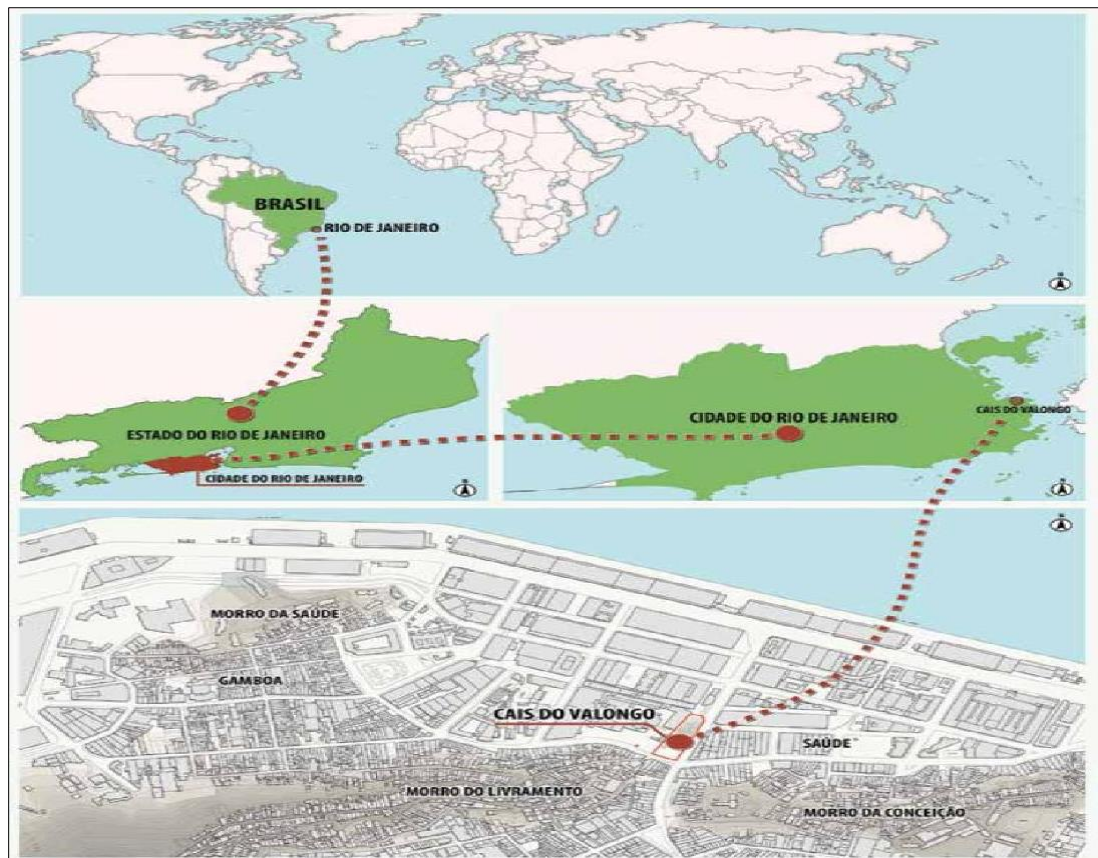
Fonte: <http://literaturaeriodedejaneiro.blogspot.com/2016/12/cais-do-valongo-de-nireu-cavalcanti.html>

O cais foi aterrado em 1843 para as obras de um novo local de desembarque, destinado a receber a princesa napolitana Tereza Cristina de Bourbon, esposa do Imperador Dom Pedro II. O **Cais da Imperatriz** desapareceu no início do século XX, no governo de Rodrigues Alves, (1902, 1906) quando foi aterrado para a construção e uma praça revestida por pedras portuguesas. A praça, presente até hoje no local, foi inicialmente chamada de Praça Municipal, que com o tempo passou a ser conhecida como Praça Jornal do Comércio, denominação que perdura até hoje. As estátuas neoclássicas que adornavam o Cais da Imperatriz foram transferidas para o vizinho Jardim Suspenso do Valongo. O Jardim foi construído em 1906 em terreno outrora ocupado por casas de comércio negreiro na Rua do Valongo, atual Rua

Camerino como parte do projeto de modernização da cidade do Rio de Janeiro. Como observou a arqueóloga coordenadora das pesquisas Lima (2013):

Não obstante todos os esforços feitos e o empenho para revitalizar a área ,a degradação se reinstalou. (...) A reformulação urbana promovida por Pereira Passos e a construção do Porto do Rio de Janeiro deveriam, a rigor, ter requalificado a área. Contudo, historicamente associada a segmentos considerados como marginalizados pela sociedade dominante - como os negros escravizados em sua origem, os alforriados que por lá se estabeleceram e se fixaram, e depois aos negros libertos que, com a construção do porto, foram alocados na estiva, ou mesmo aos imigrantes desqualificados, de proveniências distintas, que ali se refugiavam– a área ficou fortemente marcada como um reduto da marginalidade Ibid., p.14). Até aqui descrevemos em parte o espaço percebido do Cais do Valongo conforme a conceituação de Lefebvre, 1991, circunscrito ao espaço geográfico da LAT 22°53'49.03"S LON 43°11'14.62". LIMA ,2013,p; 108.

Figura 2 - Coordenada Geográfica do Cais do Valongo LAT 22°53'49.03"S LON 43°11'14.62



Fonte: IPHAN(2016).Sítio arqueológico Cais do Valongo: proposta de Inscrição Na Lista do Patrimônio Mundial. Dossie_Cais_do_Valongo_versao_Portugues.pdf

Figura 3 – Cais do Valongo – Rio de Janeiro(RJ)



Fonte: IPHAN(2014). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1605/>

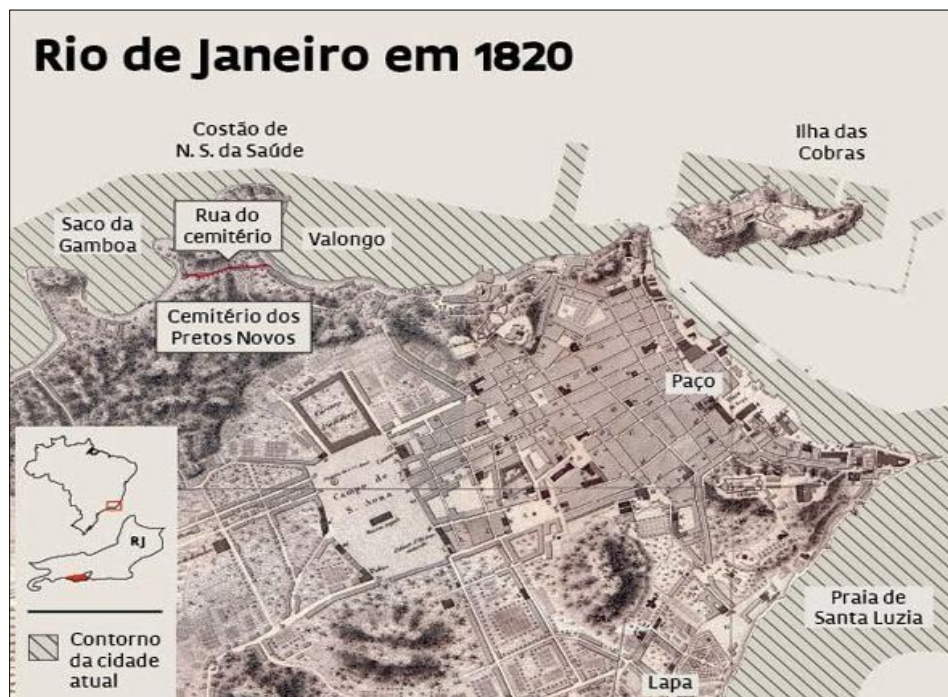
passamos, então, a discutir os espaços de representação em seus atributos simbólicos que permitiram demarcar territorialidades entre agentes oficiais e os agentes marginalizados na ocupação da região do Valongo anterior aos processos de Patrimonialização e Turistificação.

Figura 4 - Praça Municipal, atual Praça Jornal do Comércio, em 1906.



Fonte: Pedro Foto de Augusto Malta fonte: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro

Figura 5 _ Cais do Valongo 1820



Fonte: SALAGEO(2013) Disponível em: <https://salacristinageo.blogspot.com/2013/11/cais-do-valongo-patrimonio-da-humanidade.html>

3.2 O terreiro de ideias e o espaço conceptualizado dominado

Na Rua Barão de São Félix, bem próxima à atual rua Camerino (antiga Rua do Valongo) morava e tinha casa de candomblé o famoso **João Alabá**, sacerdote respeitado pelo conhecimento que possuía sobre sua religião. Sua muito frequentada casa, que teria sido instalada em 1886, era também local de reunião de algumas mulheres que se tornaram lideranças populares na região portuária e central da cidade, conhecidas como tias. Entre elas ficou famosa **Hilária Batista de Almeida**, conhecida por **Tia Ciata**, que teria ocupado o posto de **Iyá Kekere** (Mãe Pequena) na casa religiosa de João Alabá, e a já citada Carmem Teixeira da Conceição. Na virada para o século XX, expressando a resistência e afirmação da cultura negra na região do Cais do Valongo, surgiram as **rodas de samba**, que consagraram personagens hoje célebres no samba do Brasil, como **João da Bahiana**, morador da **Pedra do Sal**. Filho de Perciliana Maria Constança, conhecida pelo nome de **Tia Perciliana** - uma das filhas de africanos que promovia **celebrações de candomblé** na região do Valongo – João da Bahiana participava dos batuques e cantorias que deram origem ao **samba**, que figura entre as mais relevantes criações artísticas afrodescendentes nas Américas. Foi nesta mesma época que surgiu no Morro da Conceição - elevação que marca um dos limites da antiga Praia do Valongo - a **Sociedade Carnavalesca, Familiar, Dançante, Beneficente e Recreativa Tira o Dedo do Pudim**, agremiação vinculada aos festejos carnavalescos no Rio de Janeiro. Segundo o pesquisador e escritor Nei Lopes, a zona portuária também foi local de moradia, de trabalho e de lazer dos **trabalhadores do porto**, formados, predominantemente, desde o período escravista até hoje, por negros.

Naquela época, entretanto, as **heranças africanas na cultura afro-americana** estavam distantes de serem vistas como motivo de orgulho. Era um tempo em que o pensamento científico dominante preconizava a **hierarquia das raças humanas** e colocava africanos e seus descendentes em posição de subalternidade. As **práticas festivas e religiosas tradicionais** da população negra serão vistas como manifestações de selvageria ou primitivismo. Nesse sentido, as ações modernizantes e higienizadoras dos governos republicanos vão se pautar por políticas repressivas à **cultura afrodescendente** e de ocultamento da **cultura negra** na cidade. (IPHAN, 2016, p.107)

Enquanto se realizava o grande aterro do cais da Imperatriz para a construção do novo porto da cidade (1904-1910), Cavalcanti (2005) no artigo “Memórias da alegria: o Rio de Janeiro na folia dos ranchos (1893-1911), traz o exemplo do patrimônio desviante representado

no espaço de conflito e contradições de interesses entre comerciantes do carnaval e os vereadores que clamavam pela proibição do **jogo do entrudo** :

Nas proximidade do carnaval de 1887, os vereadores do Rio de Janeiro determinaram que seus fiscais fossem em busca das fábricas de limão de cera para destruí-los ; intimassem os donos de casas comerciais a mostrar licença para vender bisnagas e outros instrumentos usados no Entrudo (...) Os moradores ou comerciantes gostavam de enfeitara suas ruas, sobretudo, se usados como palco do Carnaval, como ocorreu em 1881, para o qual uma comissão solicitou à câmara de vereadores permissão para enfeitar a Rua da Quitanda, entre as ruas do ouvidor e a rua do Hospício [atual Buenos Aires]...durante os três dias de carnaval (CAVALCANTI, 2005, p.82).

Calvacanti (2005), relaciona a localização das lojas que comercializavam produtos de carnaval em 1880 e 1897, entre outras destacamos, Alfandega, Andradas, Conceição, Constituição, , Rosário, Senhor dos Passos, Uruguaiana. O sucesso carnavalesco do rancho rei do Ouro, incentivou muitos outros , em 1895, surgiram o Papagaio na rua regente Feijó, na casa da “Tia Clara” e os batuqueiros, na Pedra do Sal atual (largo João da baiana) (idem, p. 85). O convívio de várias etnias negras – em especial bantos, jêjes e nagôs – fez da metrópole o lugar ideal para a ocorrência de uma mistura musical única.

A fusão ia se dando especialmente nos **zungus** da zona portuária, onde levas de “baianos” conviviam com os recém-chegados do continente africano. Zungus eram casas coletivas, ocupadas por negros fugidos ou alforriados, geralmente localizadas na Pedra do Sal. Não há consenso em torno do nome. Há quem afirme ser o termo originado do quimbundo *nzangu*, cujo significado é “confusão barulhenta”, ou mesmo do idioma quicongo na palavra *nzungu*, que quer dizer “panela”. Alguns historiadores atribuem, no entanto, a origem de zungu às chamadas “casas de angu”, organizadas pelas quitandeiras negras, que não apenas socorriam os necessitados com o alimento principal da dieta dos escravos, mas também transformavam os zungus em verdadeiros pontos de resistência cultural, promovendo os cultos, os batuques e os jogos de capoeira.

Figura 6 - Rancho criado por Tia Ciata



Rancho criado por Tia Ciata se chamava *O macaco é outro*

Fonte: O Rei Samba 10 Fevereiro 2015 | Por Sandra Machado <https://www.multirio.rj.gov.br/casas-museus-revelam-a-vida-privada-e-publica-de-personagens-da-historia>)

As despreziosas rodas, realizadas na casa da [Tia Ciata](#), na Praça Onze, e na Pedra do Sal, no Morro da Conceição, ainda nos últimos anos do século XIX, se desdobraram em um sem-número de subgêneros espalhados não apenas pela cidade, mas por todo o país. Na região, conhecida como Pequena África, o compositor **Ismael Silva** fundaria, já durante a República, a primeira escola de **samba carioca**: a **Deixa Falar**, que saiu entre 1929 e 1931, durante a fase de estruturação dos futuros desfiles. Mesmo a remodelação urbanística completa da Praça Onze, nos anos 1940, que poderia ter sido interpretada como uma desvantagem, acabou funcionando como uma diáspora, a propagar o samba pelos subúrbios e associá-lo à alma da cidade.

Figura 7 - Estrelas do Programa Casé Noel Rosa e Pixinguinha



Estrelas do Programa Casé: Noel Rosa e Pixinguinha (à esquerda) e Donga (sentado, ao centro)

Fonte : <https://multirio.rio.rj.gov.br/reportagens/1033-o-rei-samba>

3.3 O espaço de representação : o comercio de rua, e os donos da rua

Nas relações entre senhores de escravos e os escravos com a liberdade vigiada de fazer vendas de produtos e realizar serviços; caberia investigar se os caminhos percorridos pelos **escravos de ganho** pelas ruas da zona portuária à praça XV (que abrigou a chegada da família imperial em 1808) foram os *actants* que geram redes de circulação de mercadorias e a consequente fixação de lojas e mercados. Comerciantes, escravizados, e alforriados que compraram a sua liberdade estabeleceram áreas de demarcação de territorialidades no chamado centro histórico do Rio e na região da Pequena África conforme destaca Souza (2022) no trecho a seguir :

Apesar da repressão da polícia e da visão preconceituosa da sociedade sobre a capoeira , a hipocrisia fazia com que as pessoas brancas mais abastadas se servissem de grupos de capoeiristas. Os senhores de escravos de ganhos gostavam de ter capoeiristas para fazerem serviços de venda ou para proteger o território para seus escravos garantindo o lucro com a venda dos produtos. O uso de capoeiristas acontecia nas mais diversas situações. Políticos os usavam contra adversários ou eleitores adversários, na época das eleições Comerciantes usavam de membros de maltas para atacarem o estabelecimento de comerciantes ou mesmo quando m pretendente ou pessoa traída queria se livrar do seu oponente na conquista de uma dama. (SOUZA, 2022, p. 269).

A casa da Tia Ciata como os demais locais de reunião e encontro e identidades coletivas de negros, mulatos, ex escravos, e trabalhadores do porto pode ser considerado também como um laboratório de inovação de produção cultural. Ao passo que o OV é uma espaço de inovação científica inserido no alto do morro onde os telescópios apontam para as estrelas . Os frequentadores da casa de Ciata se reúnem abaixo no morro perto do chão da base da pedra do sal, desenvolvem redes com diferentes produções entre seus agentes : o primeiro pode descrever o caminho das estrelas entre o Brasil e a África, o segundo traz a herança dos pés descalços que cruzavam as ruas do Rio. Desconhecer um caminho é não entrar pela porta que leva a um território que está próximo no espaço de vida dos agentes, e, aparentemente, distante nos imaginários.

Tão importante quanto discutir a cura da ferida de Wencelsau Brás é também reconhecer os Zungus da casa da Tia Ciata como local de mediação cultural e de inovação sócio-técnica que reúne o contato das etnias, a percussão dos instrumentos e a criação do samba até seu registro na técnica da discográfica . Entre quitutes, “comida de santo “ e oferendas; o zungu é um terreiro de ideias e inovação social cujo mapeamento historiográfico dos espaços de memória divergentes é uma atividade sugerida no uso sistemáticos de uma ferramenta pedagógica.

3.4 A cura de Hilária batista e a encruzilhada dos saberes

O debate sobre patrimônio tombado e patrimônio desviante nos remete ao texto de Nora(1993) que discute os projetos de História Nacional ao afirmar, que “Há locais de memória porque não há mais meios de memória...a medida em que desaparece a memória tradicional , nós nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, imagens, discursos, , sinais visíveis do que foi , como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe qual tribunal da História. (NORA, 1993, p.15).

No caso aqui analisado, o tribunal de reparação que a Unesco pretende dar aos descendentes daqueles que passaram pelo cais, um local da memória com valor de reconhecimento de patrimônio mundial. A “memória enquanto vida sempre carregada de grupos vivos , e ,nesse sentido, sempre em evolução aberta à dialética da lembrança e do esquecimento.(NORA, 1993, p. 9) . A memória, contudo, como processo das relações sociais de grupos vivos constitui se como um patrimônio desviante, considerado degradado e marginal se comparado à estética das formas de construção do Patrimônio Nacional que os órgãos oficiais de Memória e de História tanto almejam erguer.

A cura da ferida na perna do então presidente Wenceslau Brás é um episódio exemplar de tribunal da tribunal da história no caminho que cruzam o saber popular representado pela

curandeira negra que vai ao encontro do representante do poder do Estado Nacional no Palácio do Catete que se torna um espaço de mediação entre o representante do poder do Estado nacional e a mulher negra que representa o saber local, tradicional.

O espaço de mediação simbolizado na cura realizada no palácio do Catete, vai se estender no relaxamento das práticas de coerção e proibição dos cultos religiosos dos afrodescendentes que sintetizamos no projeto de pesquisa de Valle(2020) intitulada “Mapeando o sagrado: arte sacra e locais de culto afro brasileiros” que reuniu 160 notícias publicadas em jornais e revistas ilustradas entre 1890 e 1941.

As notícias se referem a ações repressivas da polícia e/ou denúncias contra locais de culto afro brasileiros. Fac-símiles digitalizados da maioria dos periódicos que consultamos estão disponíveis no site da Biblioteca Nacional (<http://memoria.bn.br/>). Referente a notícias relacionados à repressão em sete jornais (A Noite, Correio da Manhã, Diário Carioca, Diário de Notícias, Gazeta de Notícias, Jornal do Brasil, e O Paiz) e em duas revistas ilustradas (A Noite Ilustrada e O Malho). Também o repositório digital do jornal O Globo(<https://acervo.oglobo.globo.com/>). Os anos 1890 e 1900 tiveram como base o levantamento apresentado por Velasco(2017), propõe uma “geografia da repressão” religiosa no Rio entre 1890 e 1929 .

A maioria das notícias de imprensa reporta batidas policiais, por vezes motivadas por incidentes ocorridos nos locais de culto. Também há algumas denúncias feitas por leitores anônimos com o objetivo de chamar a atenção da polícia para o que consideravam práticas indesejáveis. Nosso recorte temporal vai da promulgação do Código Penal de 1890 até o início de 1941, quando uma ação policial de singular amplitude ganhou destaque na imprensa. Idealizada pelo Chefe de Polícia Filinto Müller e conduzida pela Diretoria Geral de Investigações do Rio, essa ação foi descrita na imprensa como "uma campanha sem quartel a todos que se dedicavam à prática da magia negra." A “campanha” policial de 1941 resultou na invasão de dezenas de locais de culto, na prisão de muitos líderes religiosos e na apreensão de enorme quantidade de objetos sacros : BLITZKRIEG” também contra a “Macumba”! Diário da Noite, 31 mar.1941, p. 1.

As pesquisas de Valle (2020) e Velasco(2017) reiteram as contradições e negociações entre as esferas do poder do Estado, os locais cultos religiosos legitimado pela Igreja e os demais locais de conflito pela prática das religiões afro brasileiras. Entre o poder da União e o poder da igreja o poder da ciência representado pela academia e o laboratório parece pairar soberano como um conhecimento absoluto. As visitas de Hilária Batista ao Palácio do Catete

para curar a ferida na perna do presidente Wenceslau Brás demonstra o entrelace destes espaços sendo a tia Ciata o agente de mediação do poder de cura através do **saber tradicional** e o reconhecimento por parte do representante do poder público.

3.5 O ROTEIRO E A FERRAMENTA

No caso específico do entorno do Colégio Pedro II, o itinerário aqui sugerido é uma amostra diante das diversas temáticas até aqui apresentadas e grafadas em negrito, consideramos como uma segunda opção o retorno ao colégio pelo largo **da Igreja de Santa Rita** local de referência ao movimento Rosas Negras e do **cemitério Rosas Negras**. O itinerário proposto serve como instrumento de apoio para o entendimento da herança Africana enquanto memória viva da cultura brasileira. Roteiro pedagógico é destinado para alunos das últimas séries de ensino médio e fundamental partindo do campus do Valongo, no atual colégio Pedro II; A partir das 9 horas, ou a tarde a partir das 14 hs em condições ideais de clima e temperatura e de acordo com as atividades do professor encarregado em acompanhar os anos do colégio. Duração : 4 horas 30 “. Seguindo a ordem dos locais visitados, destacando o legado patrimonial da região do Valongo a partir da construção do Cais do Valongo em 1821, segue o itinerário :

Início : Colégio Pedro II

a)	rua da Conceição . ladeira da conceição
b)	Horto botânico e Museu do Valongo : Visita interna, telescópios, jardins e parada para serviços água, lavatório; 1h e 20”
c)	Jardim suspenso do Valongo
d)	Casa da Tia Ciata;
e)	Antigo Cais do Valongo ;
f)	seguir pela rua Sacadura cabral até largo João da Baiana e Pedra do sal
g)	Estátua de Mercedes Batista; Largo São Francisco da Prainha
h)	Venerável ordem terceira da Igreja de São Francisco da Penitência da Prainha
i)	edifício A noite e ladeira da escadaria JOÃO HOMEM

j) Praça marechal valô, Palácio episcopal e fortaleza da Conceição
l) rua do jogo da bola, ladeira da conceição e retorno ao colégio PedroII

Conteúdos previstos : Aspectos históricos, étnicos, evolução do espaço urbano e a importância do observatório no contexto da região da Pequena África.

Homens livres “senhores de escravos” (Vainfas, 1986), e caminhos urbanos de “homens livres “ x “escravizados” no centro histórico do Rio de Janeiro no período Colonial. (KARASCH, 2000)
Identidade cultural dos afrodescendentes e a cultura oficial dominante . (Civarello, 2005)
Imagem popular do negro escravizado ou estereótipo de sua identidade ? Matriz religiosa, expressão de música, dança e entretenimento
A chácara no alto do morro e o observatório do céu : entre plantas, estrelas e planetas
Embelezar a cidade para esquecer o passado colonial
Identidade religiosa, resistência e tolerância na casa da Tia Ciata
O cais enterrado e o Cais da Imperatriz , o conflito de imagens construídas entre memória oficial e história decolonial . (BOUKHRIS; PEYVEL, 2019)
Retorno ao ponto de partida, troca de mensagens e fotos pelo instagram durante a visita e dúvidas sobre atividade de avaliação.

A visita ao patrimônio sensível localizado no sítio arqueológico do **cemitério do Instituto Pretos Novos (IPN)** e ao **Museu da História e da Cultura Afro-Brasileira (MUHCAB)** sugerimos uma visita específica, após a realização do percurso proposto aqui descrito conforme disponibilidade do calendário escolar.

A pluralidade dos temas e a diversidade de fontes bibliográficas, e de instituições como Arquivo Nacional, acervo digital do Museu Nacional de Belas Artes, Biblioteca Nacional entre outras instituições, é recomendável organizar a produção dos alunos através de metodologias ativas como aprendizado em equipe (em inglês, Team based learning- TBL). O objetivo desta metodologia é desenvolver habilidades tais como. capacidade de síntese, concentração e observação em atividade externa, interação com os colegas e com o coordenador (a) da(s)atividade (s). Os alunos são distribuídos em pequenos grupos trocassem experiências e informações sobre os temas escolhidos pelas equipes. Os trabalhos podem ser apresentados (presencial ou virtual) aconselhável armazenar em um formato power point, ou editor de imagem texto para acesso online via plataforma Moodle, Google learning, Teams que permitem a divulgação dos trabalhos entre as equipes . Caso a escola não disponha de recursos computacionais, pode ser usado o formato tradicional de colagem em cartolina para confecção de mural de sala de aula

Alunos com necessidades especiais e ou que necessitem de um mediador específico devem ser analisadas as questões de acesso aos locais previstos de cada visita. No caso específico do OV, é possível o acesso ao cadeirante por via de transporte direto ao local do observatório, pois a área externa é plana e circular. As demais áreas da região da Pequena África possuem restrições devido a existência de escadarias entre as ladeiras das ruas e calçamento irregular.

3.5.1 O Observatório do Valongo (OV) e o espaço conceptualizado da Ciência

Passemos agora ao patrimônio científico situado acima do Cais do Valongo, no momento da transferência para o morro da Conceição, o porto de escravizados já havia sido duplamente soterrado pelos agentes da História Nacional. O observatório foi fundado em 5 de julho de 1881, por **Manuel Pereira Reis**, no **Morro do Santo Antônio**, no centro da cidade do Rio de Janeiro, então capital do Império, com o nome de Observatório Astronômico da Escola Polythécnica com a função principal de prover as aulas práticas de Astronomia e Geodésia dos alunos da Escola Polythécnica e aos aspirantes da Escola da Marinha. Em 1910, chegou ao Brasil e foi instalado o **telescópio refrator Cooke & Sons**, comprado da Inglaterra, equipado para fotografia astronômica e medidas astrométricas, sendo à época o maior instrumento em funcionamento no país.

A função de instituição para ensino da Astronomia veio a ser a principal característica do observatório, mesmo após sua transferência para o Morro da Conceição, na década de 1920, devido a alegadas necessidades de urbanização da região central da cidade do Rio de Janeiro. Nesta nova localização, foi nomeado como Observatório do Morro do Valongo, pois no terreno para onde foi transferido, havia a **Chácara do Valongo**⁶. Os registros das atividades na antiga chácara do Valongo é um tema de investigação ainda em aberto.

O volume 7 da série Memobilia traz o relato que com o início da derrubada do Morro de Santo Antônio em 1921, os equipamentos existentes do observatório foram levados para o Morro da Conceição entre 1924 a 1926, local onde antes da abolição da escravatura eram deixados os escravos para serem vendidos. O local ficou praticamente abandonado a partir de 1930, em 1957 dois astrônomos do Observatório Nacional, Alécio Moreira Gomes e Mário Ferreira Dias se transferiram para o OV dando início ao processo de criação do curso de graduação em Astronomia da Faculdade Nacional de Filosofia da antiga universidade do Brasil (UFRJ, 2008, p.44).

Importante ressaltar que o processo de industrialização do país a partir dos meados do século XIX ao início do século XX também se fez refletir no espaço do OV, pois em seu acervo

⁶ <https://ov.ufrj.br/information/historical-background/>

de 300 objetos científicos oriundos de fabricantes alemães, ingleses, franceses e suíços; existe uma única peça fabricada no Brasil , **a luneta pazos**, da oficina de José Hermida Pazos. Os objetos fabricados após a década de 1920 são, em sua maioria , feitos Zeiss Jena, oriundos do convênio MEC/ LESTE EURPEU para a aquisição de equipamento e material da antiga República Democrática Alemã.

O espaço acadêmico e científico do OV implica na existência de uma rede de conhecimentos e de tecnologia registrados na memória da instituição, apesar do seu reconhecimento pela comunidade científica nacional e internacional, o seu valor ficou restrito ao alto do Morro como representante da Ciência no Morro da Conceição que congrega um dos maiores conjunto arquitetônico tombado pelo IPHAN : **Palácio Episcopal, Fortaleza da Conceição, Igreja São Francisco da Prainha, Conjunto e Jardins do Valongo; e fora dele: Palácio do Itamarati, Casa à rua Mayrink Veiga, Colégio Pedro II, Antiga Caixa de Amortização, Companhia Docas de Santos, Igreja de Santa Rita.**

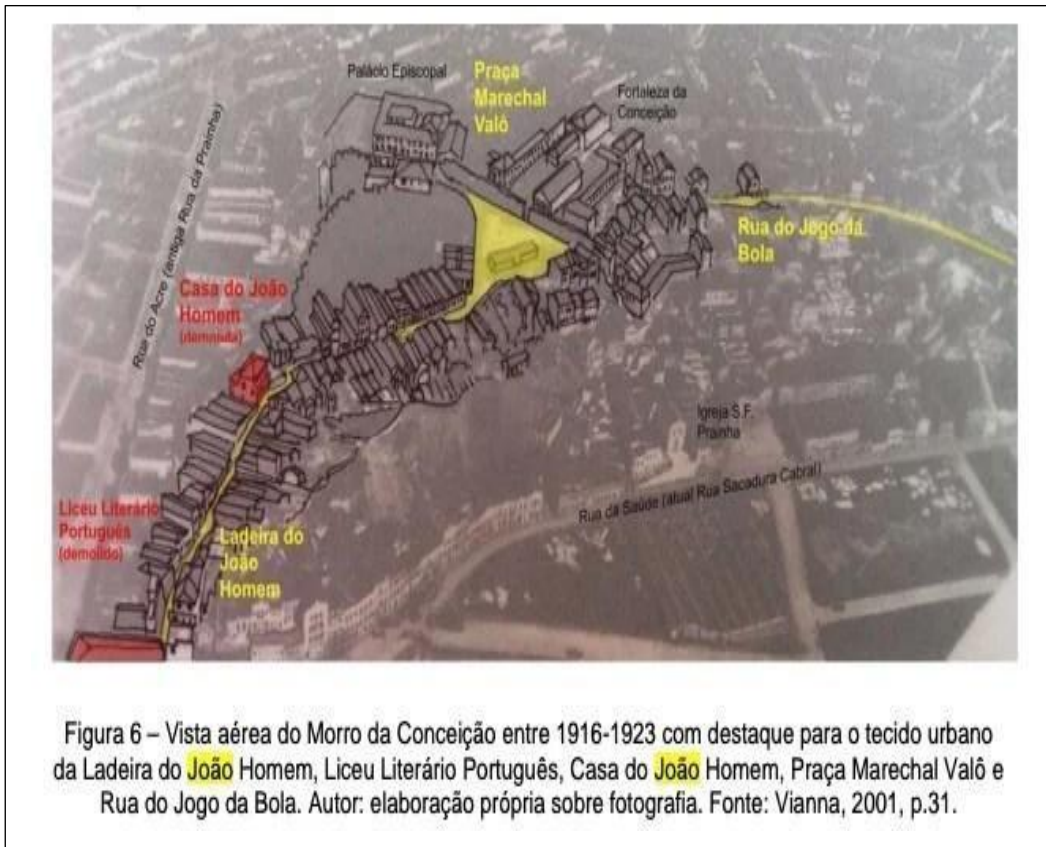
O site institucional do OV, <https://ov.ufrj.br/extensao-astronomia-e-sociedade/> , destaca os projetos de extensão universitária visa permitir que a Universidade e a sociedade comuniquem-se e compartilhem saberes, conhecimentos e valores através de atividades artísticas, científicas, cursos, eventos, palestras ou quaisquer outras que sejam inclusivas à sociedade. O Projeto de Visitação Orientada Descobrimo a Astronomia ocorre normalmente ao final das tardes nas quartas feiras, contudo, verificou se a necessidade de visitas diurnas para atendermos escolas localizadas em bairros de acesso perigoso ao entardecer. Com o objetivo de viabilizar as visitas diurnas e enriquecer as noturnas adquirimos, com auxílio da VITAE, um planetário inflável surgindo assim o Projeto Astros a Serviço das Ciências. Posteriormente foram implantados os projetos Observatórios Virtuais e Astronomia na Vila. Os projetos inicialmente eram voltados principalmente às escolas municipais e estaduais, e nestes anos de atividades geraram muitos frutos, tais como a criação de várias oficinas e cursos direcionados à capacitação de professores do ensino médio e fundamental.

4 EVOLUÇÃO DO ESPAÇO URBANOS NA REGIÃO DO VALONGO

As análises historiográficas de Guimarães(2011.)e Thereza Cristina(2015)chamam a atenção sobre a inexistência de registro em cartório de inúmeros imóveis, os urbanistas admitem a dificuldade de delimitar os espaços do público, privado e o religioso pois historicamente o morro ter sido dividido em três áreas fronteiras, três áreas de representação : **a União, a Ordem dos Beneditinos e a Ordem Terceira da Penitência.** Entre as fronteiras dos poderes da União, da Igreja e da Academia o patrimônio desviante de foliões, visitantes, moradores, negros, pardos convergem para a memória de um imaginário que circula entre as três esferas de poder que pretendemos explorar em uma ferramenta pedagógica que põem em relevo o Turismo Científico. E, neste aspecto, vale destacar as intervenções técnicas que mais afetaram a relação pré-existente do Morro com seu entorno.

Uma delas foi a que “afastou” o Morro do mar, quando a praça da “Prainha” passou a dar lugar à Praça Mauá no início do século XX. Também nesta época, **a Igreja de S. Francisco da Prainha**, antes situada à beira do mar, passou a fazer frente à atual **Rua Sacadura Cabral**. No entanto, foi a construção do **Edifício A Noite** no final dos anos 1920 que marcou uma das mais drásticas rupturas da relação morfológica entre o Morro e o litoral. Se antes o acesso à **Ladeira do João Homem** também se situava frente ao mar, aproximadamente aonde se localizava anteriormente uma redução, hoje, este acesso se encontra quase “escondido” na travessa do antigo Liceu Literário Português, obscurecida pelo **O Edifício A Noite** que dá as costas para o Morro (,,) é muito importante mencionar que, entre o final dos anos 1970 e meados dos anos 1980, arquitetos do IPHAN no Rio de Janeiro (à época SPHAN) empreenderam detalhados levantamentos e estudos visando à preservação do Morro da Conceição e suas imediações. Na realidade, o seu objetivo inicial era demarcar áreas de entorno dos bens tombados pelo Iphan no Morro e nos arredores.

Figura 8 – Vista aérea do Morro da Conceição entre 1916-1923 com destaque para o tecido urbano da Ladeira do João Homem, Liceu Literário Português, Casa do João Homem, Praça Marechal Valô e Rua do Jogo da Bola



Fonte: <https://olhandoacidade.imagina.com.br/ladeira-joao-homem/>

Guimarães(2011) destaca as relações de conflito na ocupação do Morro da Conceição em outubro de 2007 no momento do processo de “titulação” do **Quilombo da Pedra do Sal**^{7(***)} que concederia a propriedade definitiva do “território étnico” pleiteado pelos integrantes do grupo, discutida em diferentes jornais e revistas de circulação nacional e na Internet desde o início o conflito habitacional vivido entre os moradores que formaram esse “quilombo” e a **Venerável Ordem Terceira de São Francisco da Penitência - VOT**.

No texto redigido pela jornalista Lígia Coelho, a VOT era acusada de ter despejado 30 famílias da “**comunidade da Pedra do Sal**” com a intenção de valorizar seus imóveis após o anúncio do projeto da prefeitura de “revitalização” da Zona Portuária. Assim, todos os moradores despejados ou realocados pela VOT eram reunidos na noção de “comunidade”, sugerindo que possuíam a mesma forma de estruturar seus espaços e se relacionarem com a entidade católica. Era também informado que o território quilombola era composto por toda a base do Morro da Conceição margeada pela Rua Sacadura Cabral. A defesa do pleito articulada pelo grupo abordava uma noção jurídica de patrimônio, ao dizer que o território reivindicado

⁷ A pedra do sal foi tombado pelo Instituto Estadual do Patrimônio Cultural (Inepac) em 30/11/1984) fonte agencia brasil <https://agenciabrasil.ebc.com.br/cultura/noticia/2014-11/rio-comemora-os-30-anos-da-pedra-do-sal-como-patrimonio-tombado>

era sua herança porque havia sido criado a partir de um aterro realizado por “escravos” e “assalariados” durante as obras de construção do cais do porto no início do século XIX. O grupo, portanto, se apresentava como herdeiros de “escravos” e “assalariados”, estruturando os espaços pleiteados a partir das oposições com “escravos” e “libertos” e “povo” e “elite”.(GUIMARÃES, 2011, p.125)

Na percepção desses urbanistas, portanto, a “comunidade” do morro estaria dividida principalmente segundo seu tempo de moradia, sua relação econômica com o imóvel, seu local de origem e o tipo de uso do solo, sendo estruturada a partir dos dualismos “morador” e “comerciante”; morador “antigo” e “recente”; “proprietário” e “locatário”; “português e espanhol” e “nordestino”. Esta divisão categórica da prefeitura construía, assim, estereótipos baseados em identidades puras, em vez de propor uma representação dos espaços do morro e de seus habitantes a partir de identidades relacionais. E, nesse sistema de autenticidade comunitária, era implicitamente afirmado que os “descendentes de portugueses e espanhóis” deveriam ser os moradores preservados e valorizados pelo programa de “revitalização” e os “migrantes nordestinos”, responsabilizados pela “degradação” do morro, poderiam ser retirados, como se suas origens e condições econômicas de locatários possuísem uma relação de causalidade com o estado físico das casas e vias. (GUIMARÃES, 2011, p.40).

Discutido o processo de patrimonialização entre a composição dos espaços de memória e de história na região do valongo, ao lado das questões de pertencimento e identificação dos espaços de vida de seus habitantes, o processo de turistificação reflete de um lado especulação financeira desde as reformas para a construção do **Boulevard Olímpico** da Praça Mauá até o reconhecimento da região como destino de turismo étnico e cultural.

4.1 O patrimônio turistificado e a voz do mercado

Os sites da **Turisrio**, **Visitrio** complementam a valorização do espaço turístico com a expansão imobiliária da região do Porto maravilha previsto pelo programa Reviver Centro (*) nota O Decreto Rio Nº 51.134 de 12 de Julho de 2022 regulamentou os programas de redução do déficit e da inadequação habitacionais previstos na Lei Complementar Nº 229, a Lei do Reviver Centro⁸.

O Projeto Porto Maravilha é um empreendimento de revitalização urbana na Região Portuária do Rio de Janeiro, concebido por meio de uma Operação Urbana Consorciada (OUC) estabelecida pela Lei Municipal 101 de 2009. O projeto foi concebido visando a preparação da área para a Copa do Mundo FIFA de 2014 e os Jogos Olímpicos de Verão de 2016, e almeja impulsionar o desenvolvimento

⁸ <https://reviver-centro-pcrj.hub.arcgis.com/>.

econômico local, criar novas oportunidades de emprego, oferecer moradias, promover melhorias no transporte, incentivar a cultura e aumentar as opções de lazer para os residentes. Para os apaixonados por história, arte, cultura, vistas deslumbrantes e experiências sensoriais, essa região é um verdadeiro paraíso. A conjugação entre a rica história local e a arte contemporânea oferece um cenário multifacetado que atrai os interessados por explorar o estilo de vida do Rio de Janeiro <https://visitrio.com.br/4-dicas-de-como-curtir-o-porto-maravilha-conheca-a-historia-e-monte-seu-roteiro/> Last Updated: 05/03/2024 , acesso em 11/01/2025

O Programa integra o projeto de expansão da área portuária do Rio, tendo a **empresa Cury** como principal parceira para a construção de prédios residenciais permitindo a ocupação da área para cerca de 15 mil novos moradores. O stand de vendas com a maquete do Rio Orla está previsto a ficar situado no número 194 da avenida Venezuela nas proximidades do prédio moderno da Lóreal Brasil, Cais do Valongo e Bafo da Prainha. Os ilustres vizinhos que integram o atual espaço turístico do Valongo agregam o valor imobiliário de Cerca de R\$ 740.00 por um imóvel de 65,41 M2 com uma vaga na garagem e vista livre para a baía de Guanabara entre o 20.o e 25.o andares. Do outro lado da avenida Venezuela, número 53, em 16 de dezembro de 2024 ocorreu a desocupação do antigo prédio do INSS onde viviam mais de cem famílias em situação de risco e precariedade, segue o excerto publicado na Agencia Brasil de notícias :

O edifício desativado do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) onde vivem mais de 100 famílias, no centro da cidade do Rio de Janeiro, está sendo desocupado nesta segunda-feira (16). O prédio, na avenida Venezuela, 53, apelidado de Ocupação Zumbi dos Palmares, vinha sendo ocupado, de forma intermitente por sem-tetos, há duas décadas. A reintegração de posse foi pedida pelo INSS, que não usa o prédio há 40 anos, e determinada pela 2ª Vara Federal do Rio de Janeiro, em agosto deste ano. Em 22 de novembro, a Vara marcou a data da desocupação do prédio. Segundo a Justiça, o prédio, que está oficialmente interditado pela Defesa Civil Municipal, oferece riscos às famílias, devido à situação estrutural da edificação. (Prédio onde vivem mais de 100 famílias é desocupado no Rio - Vitor Abdala - Repórter da Agência Brasil Publicado em 16/12/2024 - 12:08)

A valorização da região da chamada Pequena África pelo mercado financeiro corresponde, a nosso ver a apropriação do capital financeiro em sua fase contemporânea de capital informacional resultante da aceleração formas de produção do capital pela tecnologia de informação. a massificação da informação pelas redes digitais e a consequente concentração de capital em empresas líderes de tecnologia de informação parecem indicar o caminho da planificação dos espaços culturais em estética dominante de vidro, aço, concreto que unifica , na superfície dos planos arquitetônicos, as contradições da ocupação dos espaços urbanos inerentes aos processos de industrialização. Como bem observou Bastide (2023, p.96):

Em todo caso a urbanização e a industrialização caminham ao lado uma da outra e seremos obrigados a levar em conta nessa comunicação as

transformações pelas quais as grandes cidades passaram em sua ecologia e os efeitos dessas modificações na distribuição dos habitantes segundo sua cor e locais, pois esta distribuição exerce um efeito seguro sobre a manutenção e o desaparecimento ou a metamorfoses dos preconceitos raciais, Isto dito- era necessário recorda-lo brevemente para o leitor, antes de abordar o objetivo próprio de nosso estudo- qual era a forma que as relações raciais revestiam antes da valorização do espaço urbano pelo espaço turístico, os processos de tombamento e patrimonialização parecem recriar espaços de memória em oposição às ações de apagamento .

A expansão da oferta de imóveis levou ao estabelecimento de procedimento de investigação através de inquérito civil- IC, pelo Ministério Público Federal (MPF) mediante ao anúncio da construção de um edifício residencial de 30 andares, no imóvel contíguo ao Galpão Docas Pedro II, localizado na frente do sítio arqueológico do cais do Valongo.. O MPF solicitou ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, através do Ofício PR-RJ-22ºOfício nº 3397/2023, informações sobre a pretendida edificação, ocasião em que se solicitou que nenhuma autorização de edificação na zona de amortecimento do bem fosse concedida sem prévia comunicação ao MPF e ao Comitê Gestor do Cais do Valongo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O entorno do patrimônio tombado pela Unesco indica a rede de atores que circulam na capital de um reino voltado para a exploração de mão de obra escravizada de modo a garantir uma produção em larga escala transcontinental. A abertura dos portos às nações amigas decretada pelo rei D. João VI em 28 de fevereiro de 1808, é a medida que põem fim ao pacto colonial que garantia exclusividade do comércio de Portugal sobre o Brasil dos bens naturais da colônia como açúcar, ouro, prata e café. Este contexto de uma economia mercantil transatlântica, a teoria ator-rede, supera a dicotomia homem livre vs escravizado de modo a inferir sobre a rede atores que compõem o “patrimônio de resistência” no contexto de uma economia mundializada pela dualidade entre o tráfego de mercadorias e tráfico de humanos como mercadoria.

O cais do valongo é um espaço conceptualizado compartilhado entre técnicos do IPHAN, representantes do poder público local e da Unesco para obtenção título de Patrimônio mundial deixa claro os caminhos cruzados dos processos que estabeleceram políticas governamentais seja para a construção do cais como peça fundamental do comércio de escravizados no Atlântico, seja para o apagamento do local entre aterros e projetos de renovação urbana. Entre o período do Império ao início da República pós abolição podemos inferir uma política contínua de esquecimento do passado escravagista através ações das reformas urbanas que criaram o patrimônio monumental. Este se inscreve na tradição arquitetônica europeia como representação de modernidade em direção ao ideal de civilização. No entorno deste patrimônio monumental de inspiração neoclássica se reproduzem nos espaços espetacularizados onde o poder simbólico e material do poder do Estado desde o Império até a República descrevem os passos da História Nacional e os locais que celebram a Memória Nacional

O dossiê da Unesco assinala que entre os direitos fundamentais da pessoa humana está o direito à memória. Ter direito à memória significa não apenas poder recordar e afirmar livremente sua própria história como obter o reconhecimento social dessa história. A memória é matéria prima para a constituição da identidade social e respeitá-la, portanto, é garantir a integridade do ser humano que nela alicerça o sentido de sua própria existência e de sua comunidade. O reconhecimento do cais do Valongo como patrimônio da humanidade expõe a dualidade das políticas de esquecimento da herança africana dentro de sua área de amortecimento, a ocupação do espaço urbano como espaço de resistência e de construção de identidades.

A pesquisa documental permitiu ampliar a perspectiva patrimonial situada na área de amortecimento prevista pelo IPHAN, para a dinâmica da construção socioespacial da região do Valongo segundo a Teoria Ator Rede (TAR) analisada como território-rede de relações aplicada ao turismo científico. Nesta perspectiva metodológica a relação pesquisador/ objeto de objeto, espaço/ tempo, Ciência e Sociedade; religião e cultura; não são considerados como conceitos estanques que fixam o olhar do pesquisador para a realidade dentro de uma estrutura conceitual fechada.

Conforme discutimos ao longo do texto, os conceitos de Patrimônio mundial, Patrimônio Desviante, Cultura Científica, Saber Tradicional, Memória Nacional, História Nacional, marginalidade e inovação circunscrevem processos da organização dos espaços urbanos da região do Cais do Valongo que condicionaram limites de territórios de identidade na ocupação e circulação de agentes.

A visita do OV está de fato implícita nesta abordagem que compara e discute simetrias e diversidades dos espaços de produção de memória e locais de inovação como forma de resistência e de criatividade. Entre o tombamento do Cais do Valongo como Patrimônio Mundial da Humanidade e a turistificação da Pequena África; persistem lugares de memória de agentes periféricos que circulam nos espaços dos patrimônios desviantes que fogem as regras da História Nacional reproduzida em espaços espetacularizados pelos projetos de urbanismo e turistificação. . As ações de renovação e saneamento dos espaços degradados justificam e reforçam os valores da monumentalidade dos patrimônios tombados por agentes institucionais legitimadores do Patrimônio Nacional.

O tribunal de reparação promovido pela Unesco no sítio arqueológico do Valongo, pretende dar voz aos milhares de descendentes daqueles que passaram pelo cais, então convertido como um local da memória com valor de reconhecimento de patrimônio mundializado

As propostas dos planos de urbanização e revitalização da zona Portuária analisados por Rodrigues, 2011, Thereza Cristina Couto Carvalho , 2015, Velasco(2017)e Valle, (2020), evidenciam as contradições e conflitos entre os processos de turistificação e patrimonialização que situam na abordagem da BNCC a pontados no item 6. A utilização de diversas fontes assinaladas em negrito no texto, entre sites, fotografias, sites institucionais e de instituições de ensino além auxiliar os alunos na busca por informações demonstram a interdisciplinaridade do tema da historiografia da herança africana do Brasil e a diversidade das fontes de pesquisa prevista no enunciado da diretriz item 7.

A TAR como ferramenta pedagógica, pode trazer importantes contribuições para o ensino da História e das Ciências Sociais conforme previsto pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC). O trabalho em equipe entre alunos e professores em processo dinâmico entre aprendizagem e consulta de diversas fontes que buscamos destacar, serviu para mudar a perspectiva centrada no sofrimento e cativeiro do negro escravizado. Sem negar os “horrores da escravidão, é possível também referendar espaços de resistência como locais de criação de novos hábitos e de costumes que promoveram inovações sociais e culturais que se refletem na organização da vida social dos chamados cariocas. A proposta pode ser reproduzida em outros estabelecimentos de ensino, pois o patrimônio compreende o reconhecimento da relação pertencimento com os espaços percebidos nos entorno da escola que fazem dos espaços de vida e de memória afetiva dos alunos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASTIDE ,R.**O próximo e ensaios sobre a cultura afro- brasileira**. RJ. Record 2023.

BOUKHRIS, L.; PEYVEL, E. O Turismo frente aos desafios dos paradigmas pós e decoloniais. **Via. Tourism Review**, n. 16, 2019.

BOURLON, F; MAO, P; OSORIO, M. El turismo científico en Aysén, un modelo de valorización territorial, basado en el patrimonio y actores locales. **Revista Sociedad Hoy**, Universidad de Concepcion, v.1, n.20, 55-76, , 2011.

CAVALCANTI, N. O.. O comércio de escravos novos no Rio setecentista. In: Manolo Florentino.(ORG). **Tráfico, cativo e liberdade. Rio de Janeiro: Civilização brasileira**, p. 15-77, 2005.

CAVALCANTI, N. O. Memórias da alegria: o Rio de Janeiro na folia dos ranchos (1893-1911) In : THIESEN, Icléia et al. **Vozes do porto: memória e história oral**. DP& A editora, 2005.

CIVALLERO, E.. **Pueblos primitivos, pueblos civilizados: Ideologías subyacentes a los lenguajes documentales**. 2005.

HONORATO, C. de P. **Valongo: o mercado de escravos do Rio de Janeiro (1758-1831)**. 2008. Tese de Doutorado. Dissertation de Mestrado, Niterói, PPGH-Universidade Federal Fluminense.

GUIMARÃES, R. S. **A utopia da Pequena África**. Os espaços do patrimônio, 2011. IPHAN. Instituto Do Patrimônio Histórico E Artístico Nacional. 2016. Disponível: <http://portal.iphan.gov.br / proposta de inscrição do sítio arqueológico Cais do Valongo na lista do patrimônio mundial>.

KARASCH, Mary C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo Companhia das letras, 2000.

LIMA, A. T. Projeto Monitoramento Arqueológico e Escavação do Cais do Valongo /Cais da Imperatriz. **Relatório Final**. Rio de Janeiro: Jan/2013, p.108.

MARTINS, A. enredando natureza e sociedades: a teoria ator-rede em perspectiva. In : DIAS, L. C. et al. **Redes, sociedades e territórios**. Edunisc, 2021.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. Oxford/ Cambridge, Mass.: Blackwell, 1991 (orig.: 1974).

MILLAR, R.; OSBORNE, J. **Beyond 2000: Science education for the future**. The report of a seminar series funded by the Nuffield Foundation. London: King’s College London, 1998. 36p.

NEDELL, J. D. **Belle Epoque Tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**; São Paulo Companhia das Letras, 1993, 383p

NORA, P. et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

OBSERVATÓRIO DO VALONGO. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2023. Disponível em: <https://ov.ufrj.br/>. Acesso em: 28 out. 2023.

SOUZA, M. L. . **A cidade do Rio de Janeiro do sec. XVI ao início do sec. XX** v.1. Rio de Janeiro: Fundação Cecierj, 2022.

VALLE, A.. Mapeando o sagrado: arte sacra e locais de culto afro brasileiros em notícias sobre repressão policial no Rio de Janeiro, 1890-1941. **Revista de História da Arte e da Cultura**, Campinas, SP, v. 1, n. 2, p. 5–29, 2020. DOI: 10.20396/rhac.v1i2.13906. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rhac/article/view/13906>. Acesso em: 5 mar. 2025.

VELASCO, V. C. R. **A geografia da repressão: experiências, processos e religiosidades no Rio de Janeiro** (1890-1929). Dissertação (Mestrado em História Comparada) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de História, 2017. *Revista de História da Arte e da Cultura* | Campinas SP, v.1, n.2, jun-dez 2020